

## DO ESPAÇO AO TERRITÓRIO

Pollyanna Mirando Cardamone<sup>1</sup>

Gleice Simone Vieira De Souza Gomes<sup>2</sup>

Weslen Manari Gomes<sup>3</sup>

**RESUMO:** Por muito tempo conceitos, como o de espaço, ficaram sem uma definição objetiva que abordasse totalmente seu real significado. Milton Santos trouxe uma visão sobre esse e outros temas aqui abordado, como Território, que satisfaz a muitos estudiosos. Para ele, entre outras coisas, o espaço deve ser considerado uma instancia da sociedade. Outro autor que busca a definição de espaço é Edward W. Soja, que admite a existência de dois tipos de espaço. Buscaremos também, procurar entender o que é o Poder (nome próprio) e o que é poder (nome comum), compreendendo assim a existência de relações de poder e essa ambigüidade existente no termo. Para isso utilizaremos a visão de C. Raffestin. Assim, podemos então partir para outro conceito, que é o de território. Logo observaremos como o espaço se torna território e compreender qual pode ser a origem desse termo de acordo com a óptica de Rogério Haesbaert. Estamos familiarizados com o termo território cujo significado remete pensar, a priori, na divisão política do espaço (País,

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 4º ano no curso de Serviço Social da AEMS- Faculdades Integradas de Três Lagoas. [Polly\\_mc\\_frutofiel@hotmail.com](mailto:Polly_mc_frutofiel@hotmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmica do 4º ano no curso de Serviço Social da AEMS- Faculdades Integradas de Três Lagoas. [gleicesimone@hotmail.com](mailto:gleicesimone@hotmail.com)

<sup>3</sup> Acadêmico 5º semestre do curso de Geografia-licenciatura, Fundação Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/CPTL, bolsista permanência-laboratório de recursos hídricos. [weslenmanari@hotmail.com](mailto:weslenmanari@hotmail.com).

Estado...), no entanto, pelo fato do território ser fragmentado e, também pela existência de relações de poder, existente em toda e qualquer relação social, nossa casa também é um território.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espaço, Poder, Território.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo, não finalizar o pensamento a respeito de território, mas sim contribuir para a construção de uma base teórica a respeito desse tema demasiado complexo.

Devido à complexidade do tema proposto e por existir uma vasta quantidade de autores que pensam e contribuem para o tema em questão e logo, por existirem diferentes pontos de vistas, optou-se por limitar a leitura e análise bibliográfica.

A fim de facilitar o entendimento aos leitores, que muitas vezes nunca se atentaram para a complexidade do tema, optamos também por dividir o trabalho em partes, partes essas que ao final da leitura tornar-se-ão claras, e suas relações intrínsecas umas com as outras visíveis e evidentes.

## 2. DESENVOLVIMENTO

## 2.1 O ESPAÇO.

O espaço pode ter sido por muito tempo objeto de estudo de diferentes tipos de estudiosos e pesquisadores, logo, de diferentes áreas do conhecimento, mas, sem dúvida, os pensadores que mais se destacam nesse sentido são os geógrafos, seja pelo motivo de o espaço ter sido considerado o objeto principal de estudo da área ou pelo simples fato de se interessarem pelo conceito. No entanto é extremamente complicado, até mesmo para estes, que pesquisaram até a exaustão, “decifrar” o significado conceitual dessa pequena palavra que traz consigo um conceito mais complexo do que se pode imaginar os que, muitas vezes, não pararam para refletir sobre esse assunto.

Evidente que não temos a pretensão de, por nossa conta, cunharmos um significado do conceito de espaço. Utilizar-se-á, pois, como base, dois autores que contribuíram, sem dúvida, de forma significativa, para essa compreensão contemporânea de espaço. São eles: Milton Santos e Edward W. Soja.

Se tomarmos a perspectiva de Soja (1993) aceitaremos a existência de dois espaços, o “espaço per se”, como o próprio nome sugere, espaço por si; e o “espaço como um dado contextual”. O segundo seria um espaço criado pela sociedade propriamente dita, ou seja, de relação e produção social.

Soja (1993) critica o espaço na “forma física generalizada e abstrata”, por ter atrapalhado a “interpretação da organização espacial

humana como produto social, passo primeiro e fundamental para se reconhecer uma dialética sócio-espacial.” (SOJA, 1993, p. 101).

Para ele, essa discussão a respeito do espaço físico e suas características como “continente” foi, em suas palavras, “uma base epistemológica ilusória para se analisar o sentido concreto e subjetivo da espacialidade humana”. (SOJA, 1993, p.101).

Logo, concorda-se com Soja (1993) quando afirma que:

O espaço em si pode ser primordialmente dado, mas a organização e o sentido do espaço são produto da translação, da transformação e da experiência sociais. O espaço socialmente produzido é uma estrutura criada, comparável a outras construções sociais resultantes da transformação de determinadas condições inerentes ao estar vivo, exatamente da mesma maneira que a história humana representa uma transformação social do tempo. (SOJA, 1993, p.101-102).

Diferentemente de Soja (1993), que admite a existência de dois tipos diferente de espaço, como visto acima, Milton Santos descreve apenas um.

Logo, Santos (1997) afirma que o espaço pode ser considerado “como um conjunto de fixos e fluxos”. (SANTOS, 1997, p.50).

Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam. (SANTOS, 1997. P.50).

Desse modo espaço, ainda segundo Milton Santos, é formado por “sistema de objetos e sistema de ações” que, por sua vez, são indissociáveis. Esses objetos, no começo da história do homem, eram simples, sendo, portanto naturais, mas nos dias de hoje são cada vez mais artificiais, uma vez que o homem, com o passar do tempo, aperfeiçoa suas técnicas adquirindo também, cada vez mais, capacidade para moldar a natureza, transformando-a assim, em natureza segunda, ou artificializando-a.

O espaço também pode ser visto como uma

(...) instancia da sociedade, ao mesmo título que a instancia econômica e a instancia cultural-ideológica. Isso significa que, como instancia, ele contém e é contido pelas demais instancias, assim como cada uma delas o contém e é por ele contida. A economia está no espaço, assim como o espaço está na economia. (SANTOS, 2012, p.12)

Percebe-se desse modo que, tanto para Milton Santos quanto para Edward W. Soja, a essência do espaço é o social, e, portanto, não se pode considerá-lo apenas como formado pelas “coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a natureza”. (SANTOS, 2012, p.12).

Ainda é importante destacar que o espaço não é apenas a soma de diversas paisagens, já que, pois, as formas geográficas contém fração social e, desse modo, deixam de ser apenas formas, passando a ser

“formas-conteúdo” a qual é permanentemente alterada pela sociedade e também, o espaço seria a soma dos dois (forma e conteúdo). (SANTOS, 2012). “A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima”. (SANTOS, 1997, p.83)

## 2.2 O PODER

Eis outro termo difícil de cunhar um conceito, ou nas palavras de Raffestin, “Se há uma palavra rebelde a qualquer definição, essa palavra é poder”. (RAFFESTIN, 1993, p.51)

Para Foucault (1979) o poder vem de baixo e não há oposição binária e global entre dominador e dominado, isso em alguns casos específicos. No entanto utilizaremos para a interpretação e entendimento a respeito do poder, apenas as concepções de Raffestin, a fim de tornar a leitura menos exaustiva e, também, por considerar isso o suficiente para o que o presente trabalho tem a pretensão, além do que o referido autor utiliza, muitas vezes, as concepções do próprio Foucault.

Existe uma ambigüidade no termo poder, uma vez que pode ser escrito com minúsculo e com maiúscula. “marcado com letra maiúscula, resume a história de nossa equiparação a um ‘conjunto de instituições e de

aparelhos que garantem a sujeição dos cidadãos a um Estado determinado”. (RAFFESTIN, 1993, p.51).

O Poder (nome próprio), logo, pois, se refere a um poder constitucional, em outras palavras: o Poder do Estado. Isso faz com que pensemos na existência do poder (nome comum, com inicial minúscula) o qual se esconde, na percepção de RAFFESTIN (1993), atrás do Poder. O Poder é mais fácil de se identificar do que o poder.

Mas o primeiro é mais fácil de cercar porque se manifesta por intermédio dos aparelhos complexos que encerram o território, controlam a população e dominam os recursos. É o poder visível, maciço, identificável. (RAFFESTIN, 1993, p.52)

No entanto, esse poder fácil de reconhecer é, por sua vez, perigoso, inspirando a desconfiança.

Ainda assim o mais perigoso é aquele que não se vê, o qual seria esse o poder (nome comum), uma vez que ele se manifesta, ou em outras palavras, está presente em toda e qualquer tipo de relação. “O poder é parte intrínseca de toda relação”. (FOUCAULT apud RAFFESTIN, 1993, p. 52).

Existe ainda a preocupação de Raffestin (1993) em diferenciar o poder da influencia, o que não nos cabe a distinção aprofundada no presente trabalho, mas somente a distinção superficial, que nas palavras do autor, cabe a seguinte distinção: “A influência recorre mais à

persuasão, enquanto o poder recorre à coerção”. (RAFFESTIN, 1993, p.54).

### 2.3 O TERRITÓRIO

Ao falar de território nos vem à cabeça o território político, como a divisão política de Países, Estados e Cidades, onde a fronteira é o limite, ou seja, até onde determinado Estado exerce seu poder. No entanto nos enganamos quando acreditamos que esse é o território mais conhecido e o mais próximo de nossa realidade. Para que essa ideia se concretize é necessário resaltar a existência de várias escalas de território. Veremos a seguir que o território esta em nosso cotidiano, e que nossa casa em si, já é um território.

Logo, pois, ao se falar de território, cabe a pretensão de, o quanto antes, diferenciar território de espaço.

O território, em suma, nada mais é do que o espaço, que em determinado momento, presencia uma relação de poder. Desse modo, para se exemplificar didaticamente, podemos tomar nossa casa, que também é um território, onde o pai, chefe da família, é o indivíduo que exerce mais poder nesse território. No entanto, o território é fragmentado, e apesar de o chefe de família exercer maior poder nesse território, você também exerce poder sobre seu quarto tendo certo controle sobre ele,

tornando-o assim seu território e logo, pode-se dizer que estás territorializado com seu quarto.

Territorializar nada mais é do que assumir totalmente ou parcialmente o controle de determinada área.

Desse modo, uma mesma área pode se tornar diferentes territórios, como é o caso de uma sala de aula, onde certo professor exerce poder e ao final de sua aula outro professor toma a mesma como seu território exercendo assim outra relação de poder tendo controle sobre quem entra e quem sai e/ou sobre o comportamento dos estudantes.

Para Haesbaert, o território possui uma dupla conotação, uma vez que tem a ver tanto com *territorium* quanto *térreo-terror* (terror, aterrorizar), “(...) tem a ver com dominação (jurídico-político) da terra e com a inspiração do terror, do medo (...)” (HAESBAERT, 2005, p. 6774).

Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional ‘poder político’. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder mais simbólico, de apropriação. (HAESBAERT, 2005, p. 6774).

Logo, percebe-se que território, como já dito, tem uma relação intrínseca com o poder, enquanto territorialidade refere-se à como as pessoas utilizam a terra, como se organizam no espaço e também como as pessoas dão significado ao lugar. (HAESBAERT, 2005).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espaço, poder e território são termos cuja definição é, com certeza, mais complexa do que aparenta. Muitos estudiosos se dedicaram a compreensão dos mesmos, e nos dias atuais, acreditamos que graças a esses autores, podemos ter uma visão crítica sobre esses conceitos.

Uma vez alertados sobre a complexidade do tema. É válido afirmar que o presente trabalho, buscou sintetizar os temas (conceitos) de modo que o leitor pudesse compreender minimamente cada conceito abordado percebendo a complexidade e a exuberância dos mesmos.

Vivemos dentro do espaço, do território e exercemos constantemente relações de poder em nosso cotidiano. É desse modo que o espaço se torna território. É necessário ainda lembrar que o espaço não deixa de ser espaço para se tornar território.

A paisagem pode, muitas vezes, ser confundida com o espaço, porém a paisagem é, em suma, uma porção do espaço, que por sua vez se diferencia da paisagem por conter não apenas as formas, mas sim as “formas-conteúdo” em decorrência da existência da fração social.

### 3. REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1976. P, 246-251.

HAESBAERT, Rogério. **Da Desterritorialização à Multiterritorialidade**. In: Encontro de geógrafos da América Latina, 10, 2005. Universidade de São Paulo.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993, p. 51-64.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5.ed. São Paulo: USP, 2012, p. 01-40.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, razão e emoção**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 50-88.